

Skulduggery

Guilherme Cecílio

Dedico a Carol – minha segunda mãe

PETER SAIU DE SEUTRABALHO e não passou em casa. Foi direto ao *Bar do Rodolfo*. Um boteco a duas quadras do apartamento que morava, na Rua 09 de Fevereiro. Há anos era cliente. Entrou no bar e reparou nas poucas pessoas que lá estavam. Suas expressões eram vazias. Pareciam todos distantes, absortos em seus próprios mundinhos. Também tinham seus problemas.

Um *jazz* suave rolava de fundo, combinando perfeitamente com o clima do bar. Era uma música antiga, daquelas que tocavam em desenhos animados clássicos e filmes dos anos 70. Havia abajures nas paredes amarelas, dando ao lugar um ar rústico.

O ambiente era aprazível, podia-se sentir o leve cheiro da cevada que já penetrara nas paredes, mas de forma doce e nada desagradável. Uma mulher bebia sozinha num canto. Seus cabelos eram louros, dourados como ouro. Seus traços eram finos e delicados, mas ao mesmo tempo, parecia emanar – ou talvez radiar fosse mais adequado – o local com sua beleza.

Peter a olhou por alguns segundos, encantado, mas logo a esqueceu. Sentou-se no lugar de sempre; na mesa de canto, aos fundos, a que tinha uma das pernas quebradas. À sua direita e atrás de si, apenas as paredes.

Não demorou para que Carlos viesse o atender:

– O de sempre? – ele perguntou. Peter costumava beber cerveja.

O barman – mais considerado um amigo dos fregueses, como diria Rodolfo – sempre educado, gostava de conversar com os clientes. Dos mais antigos e frequentes, ele decorava seus pratos e bebidas prediletas, e às vezes, até os dias em que vinham. Era um homem baixo, com cabelos pretos – exceto para novos fios brancos nascendo em sua cabeça –, e estava naquela fase em que não era considerado nem um rapaz, nem um coroa.

– Hoje não. Preciso de algo mais forte – ele refletiu antes de responder. – Conhaque com mel e limão. E uma dose de *whisky*.

Enquanto aguardava seu *drink*, deu mais uma olhada nas pessoas em volta. Um simpático senhor – com no mínimo 80 anos – conversava e ria com um rapaz vestindo uma camisa de time.. Acima de sua cabeça, na parede, havia um quadro

exótico de um homem datilografando em uma máquina de escrever, sendo abduzido por uma nave espacial. Do outro lado, Peter notou que a loira estava agora estava entretida com algo no celular. Seu sorriso era mesmo lindo.

Seus *drinks* chegaram. Conhaque e whisky, a mistura perfeita para *os dias mais longos*. Era assim que sua falecida mulher costumava chamar os dias em que Peter se sentia assim. Deprimido, cansado ou estressado.

Júlia falecera no ano anterior. Os médicos não conseguiram explicar como uma pessoa tão jovem pegara uma pneumonia tão cruel. Antes de morrer, ficou cerca de um mês em um coma induzido. *Infelizmente é necessário*, eles disseram.

Em determinado momento, por volta do vigésimo dia do coma, Peter *soube* que ela iria falecer. Acreditou firmemente que essa seria a pior parte. Vê-la assim, sentindo que ela morreria, sem poder fazer nada. Sem ouvi-la, abraçá-la, e sequer saber se ela podia escutar sua voz, quando chegava perto dela e sussurrava chorando para que melhorasse logo, dizendo que tudo ficaria bem.

Mas ele se enganou. Droga, enganara-se feio. Quando o temido e respeitável Ceifador bateu na porta, e acolheu sua amada esposa com o quente abraço da morte, seu mundo caiu. Jamais sentira tamanha dor. Podia sentir fisicamente. Seu coração, sufocado, apertado, quase parecendo que iria explodir e acabar de uma vez por todas com o sofrimento.

Ficou afastado da empresa de seguros em que trabalhava por duas semanas, e quando voltou, não era o mesmo. Ia para o emprego de ressaca, fedendo a álcool barato, às vezes, virado, sem dormir um minuto. Certa vez, vestiu as calças, calçou os sapatos e esqueceu-se de trocar a camisa com a qual dormira: um pijama surrado e desbotado do Batman.

Afundou-se de vez no alcoolismo, algo que, sempre soube, já tinha fortes tendências. No quarto ou quinto mês de luto, viu que precisava de ajuda, senão encontraria em breve sua esposa no Céu, ou seja lá para onde os mortos vão. Se bem que isso não seria tão ruim assim.

Precisou de remédios controlados para depressão e ansiedade, os quais ainda tomava. Mas, seu melhor remédio, o que *realmente* o ajudou e o tirou do fundo do abismo que se encontrava, havia sido sua mãe, Carolyne.

Conhecia o luto melhor que ninguém. Perdera seu marido – pai de seu único filho – há 30 anos, época em que Peter era apenas um garotinho correndo com as fraldas sujas pelo apartamento.

Carolyne, que vive em Santos, ficou cerca de seis meses morando com seu filho, na Praia Grande. Ajudando-o com tudo, qualquer apoio necessário a uma pessoa sem perspectiva. Ela acreditava que todo filho deve a vida à sua mãe. Bem, agora ele devia duas vezes. Nascera por ela, e hoje, vivia graças a ela.

E era esse o motivo de seu atual estado de preocupação e ansiedade. Sua querida mãe. Ela iria viajar essa noite. Foi convidada para um sarau de poemas e poesias – amava escrever, e Deus era testemunha do quão boa era – em São Bernardo dos Campos, e muito feliz, claro, aceitou o convite. Peter achava ser coisa de sua cabeça, contudo estava com um mau pressentimento em relação à viagem.

Iria com Rosa, uma antiga colega dos tempos de faculdade. Compraram as passagens no dia anterior, de um ônibus que, em alguns minutos, partiria do terminal rodoviário de Santos e passaria por Cubatão, até finalmente chegar ao destino final.

O pensamento, subconscientemente, o fez desejar consultar o horário. Eram 20h18min. Caso o ônibus fosse pontual, sairia em exatos doze minutos.

Seus pensamentos foram cortados, como que por uma navalha, ao ouvir o comentário do barman:

– Que tragédia, hein? – ao virar-se, Peter viu que o homem assistia a TV.

– O que houve? – dirigiu seus olhos ao televisor por educação, não estava interessado.

– Um babaca filhinho de papai foi encher a cara com os amigos na Praça Ethan. Deixou as portas da casa aberta. Algum vagabundo entrou, para fazer um assalto. Acabou assassinando a família inteira. Não satisfeito, o moleque ainda bateu o carro em um poste quando voltava pra casa. É isso que chamo de azar.

– Na verdade, foi seu amigo que dirigia o carro... Mas o *babaca filhinho de papai* estava nele, claro – a voz soou estranha tanto aos ouvidos de Peter, quanto de Carlos. Era uma voz firme, de quem estava no comando da situação. Transmitia confiança, talvez demais, e um ar de presunção.

Peter inclinou-se para trás em busca do dono da voz e o viu. O homem de estatura elevada possuía traços fortes, o maxilar bem definido, e sua face estava convertida numa máscara de rigidez. Vestia um impecável terno preto com riscas de giz. Sua camisa era branca, e, mesmo por dentro da calça, parecia se sobrepôr às leis da física: não tinham sequer um amassado. Seu cabelo era cuidadosamente penteado para trás, com gel, ao que parecia. Era o tipo de homem que chamaria a atenção de qualquer um, mas apenas Peter e Carlos pareceram o notar. Peter, que acreditava ser o homem mais heterossexual do mundo, não teve vergonha de admitir a si mesmo que aquele era um homem atraente. Não teria vergonha de admitir a qualquer um.

O sujeito passou pelo barman como se esse não fosse nada, apesar de tê-lo cumprimentado com um sutil inclinar de cabeça. Ao analisar o garçom, Peter sentiu-se como se olhando o espelho. A expressão de total de confusão transmitia com exatidão o que ele próprio sentia. Teve um impactante, porém breve, sentimento de desajuste, como um *deja-vu*, um quadro torto na parede ou um sonho repetido. Algo não estava certo. A situação não poderia ser mais estranha.

– Posso me sentar? – dirigiu-se ele, sorrindo a Peter, que teve a impressão de que, pela primeira vez, o homem agia com alguma *humanidade*. Porém, estava meramente cumprindo as formalidades da educação e, antes mesmo de Peter responder, já puxava a cadeira.

– Claro – as palavras saíram de sua boca automaticamente, e ele não pôde imaginar qualquer resposta diferente.

– Obrigado, Peter – parecia conversar com um velho amigo. Olhava-o nos olhos, de modo penetrante. Peter reparou que seus olhos eram de um azul vivo, combinando com a gravata.

– Como sabe meu nome?

– Desculpe me parecer intrometido, apenas ouvi sua conversa com o garçom. Ele te

chamou de Peter – mas chamou mesmo? Não sabia dizer com certeza, mas achava que não. Tinha se enganado, a situação *ficara* mais estranha – Aceita mais alguns *drinks*?

Peter abriu a boca para responder que não, *tudo bem, ainda não tinha terminado os seus*, mas antes que sua boca emitisse qualquer som, seus olhos visualizaram os copos, completamente vazios. Teve a impressão de que nada daquilo era real.

– Por favor, eu aceito – respondeu por fim.

O estranho se virou a Carlos, que ainda não tivera tempo de se retirar, e pediu para que trouxesse mais quatro doses. Uma de cada bebida para cada um.

– Desculpe, mas, eu te conheço? – perguntou Peter, quando Carlos saiu.

– Bem, digamos que sim – a frase veio acompanhada de um sorriso malicioso, *quase maléfico*, ele pensou.

Nesse momento, Peter sentiu um calafrio percorrer toda sua espinha dorsal, do início de suas vértebras, até o começo de sua nuca. O sorriso do homem de preto aumentou, virara agora duas fileiras de presas, como um predador feroz e faminto. E Peter achou, não, ele *soube* que o homem sabia o que ele tinha sentido, e *agradou-se* com isso a ponto de sorrir.

– Estou brincando, sou novo no bairro. Aliás, meu nome é Lúcio Fernando, muito prazer – Peter conseguiu fazer a leitura labial das duas últimas sílabas, mas como que por mágica elas não saíram da boca de seu emissor, como se a tecla *mudo* do controle remoto de uma TV fosse apertada. Como se não bastasse, a pronúncia das sílabas restantes soou embolada e muito rápida, e ele podia jurar de pés juntos ter ouvido *Lúcifer*. – Um nome composto um tanto estranho, não? – o maldito sorriso surgiu novamente em seu rosto, como o sol que nasce no horizonte.

Um novo calafrio atacou Pete, dessa vez tão forte que o fez tremer, e veio acompanhado de um acesso de enjoo. Sentiu que iria vomitar e teve que segurar nas bordas da mesa, lutando com suas forças para não desmaiar.

– Chega de rodeios. Você sabe quem sou e esse é o motivo para não temer – colocou sua mão esquerda por cima da direita de Peter, e, no exato momento que o fez, todo aquele turbilhão de sentimentos, físicos e emocionais sumiu, com exceção de um: pavor. Ainda se sentia apavorado – E o melhor: sabe porque estou aqui.

Mas não sabia. Olhou para seu lado esquerdo e para frente, em busca de rostos, pessoas, ou qualquer coisa lúcida. Parecia esperar que algum pateta surgisse pulando e gritando que tudo aquilo não passava de uma pegadinha, veja só a câmera escondida.

– Peter, você parece preocupado. Tem dormido bem? Diga-me uma coisa, algo está te incomodando? Além de mim, claro – emitiu uma curta risada, como alguém que *realmente* achou uma piada engraçada.

O garçom voltou com as bebidas, evitando que Peter começasse a gaguejar em busca de alguma resposta plausível. Os barulhos do ambiente, de pessoas conversando e copos sendo postos à mesa pareceram diminuir, conseqüentemente chamando a atenção dos três homens à TV novamente.

O jornalista Richard Batista, conhecido na região por transmitir as notícias de crimes brutais, ainda falando sobre o caso do *filhinho de papai* explicava que não havia suspeitos nem pistas sobre o assassino da família do jovem, e que, no carro onde ele foi encontrado, foram achadas garrafas vazias de bebidas alcóolicas.

Carlos pôs quatro novos porta-copos sobre a mesa e os copos sobre eles. Quando o estranho o dirigiu a palavra:

– Ei, campeão. Sou novo por aqui. Me tira uma dúvida. Quantas horas de viagem daqui a Cubatão? Tenho um compromisso de negócios por lá. – Peter sentiu um desconforto ao ouvir a pergunta.

– Acho que cerca de meia hora de carro, e talvez o dobro de ônibus – o garçom respondeu e retirou-se apressadamente, como se desejasse não estar ali.

Lúcio, ou seja lá qual o nome do ser que se encontrava ali, voltou sua atenção a Peter, que em uma única golada virava o copo de *whisky*, buscando no álcool algo de algo para se consolar.

– É mesmo uma tristeza. Uma pena que esse tipo de coisa precise acontecer – declarou o homem, mas seu tom de voz não sugeria que ele pensava isso.

Peter sentiu sua garganta queimar ao terminar seu primeiro *drink*, sentindo que estava mais calmo, e, embora ainda pensasse que devia estar com alguns parafusos frouxos, tentou não deixar a questão o dominar.

– O que quer dizer com *precisa* acontecer?

– Apenas a ordem natural das coisas. Você sabe. Alguém cria, *alguém* destrói. O que seria do universo sem equilíbrio?

– Esse alguém é você?

– O que cria ou o que destrói? – *o sorriso*, novamente. Peter achou que não aguentaria o ver mais uma vez sem que sua mente entrasse em colapso e ele precisasse ser mandado para o sanatório Taed Wols.

– O que destrói – a afirmação soou tão óbvia quanto a pergunta retórica.

– Bem, isso depende do ponto de vista.

– Você os matou? O garoto, sua família e seu amigo?

– Tecnicamente não.

– O que isso quer dizer?

O homem de terno respondeu entonando sua voz de forma a parecer ser a única resposta possível:

– Vocês, humanos, são tão confusos. Sabe, existem duas coisas em vocês que meus *amigos* não compreendem. Às vezes, acho que nem seu criador entende. Mas eu sim. Essa é uma delas. Vocês buscam o desconhecido, anseiam por desvendar os mistérios da vida, dedicam seu tempo a coisas supérfluas. Mas ao mesmo tempo, no fundo, vocês não querem saber. *Temem* o oculto.

– Qual a segunda coisa?

– Isso não importa.

– E por que nos entende?

– Porque sou como vocês. E vice-versa. A diferença é que não há mistério ou oculto para mim. Mas não estão perdendo nada, isso eu garanto. Tome esse conselho como se fosse de sua mãe – a última palavra fez o coração de Pete acelerar, despertando uma nova crise de ansiedade.

Peter tentou, sem muito sucesso, se controlar e engolir como havia feito com a bebida o pânico que sentiu.

– Quer me contar sobre os sonhos que tem tido? – o homem de terno puxou um pouco o pulso do paletó para poder ver as horas em seu *Rolex*. Sua expressão sugeria que ele achava estar perdendo tempo. Peter notou que havia a palavra *luxúria* tatuada na junção do pulso e da mão.

Abriu a boca pretendendo lançar novas indagações, mas a fechou em seguida, temendo o fazer. *Chega de rodeios*. Lembrou-se de uma vez que ligou para sua mãe, algumas semanas após a morte de Júlia. Carolyne ainda não havia se mudado para morar com seu filho. Sozinho em casa e deprimido, uma onda de ansiedade o atingiu, fazendo com que, deitado em sua cama por muito tempo, não conseguisse parar de chorar. Achava-se um homem sentimental e sensível, mas chorar certamente não estava dentre seus costumes.

Sua mãe, como sempre muito calma, o tranquilizou. Peter podia sentir a preocupação em sua voz, a ponto de querer largar o que estava fazendo – típico dela – para ir pessoalmente acolher o filho. Não foi necessário. Ela o fez se sentir melhor com apenas uma ligação.

– Respire fundo, meu filho. Lembre-se, a respiração leva oxigênio ao cérebro, o fazendo pensar melhor. Respire fundo. Eu sei que dói, mas tudo ficará bem. Eu prometo – conseguiu ouvi-la mesmo ao meio do som de seu próprio choro.

Era o que fazia agora. Respirava fundo, tentando reassumir o controle.

De volta à realidade, reparou o estranho o observando. O sorriso em seu rosto dessa vez era diferente. Era um sorriso discreto e compreensivo, como se ele tivesse visto o mesmo filme que se passara na cabeça de Pete, que *quase* o fez sentir algum afeto pelo homem.

– Você a ama mesmo, hein? – Lúcio quebrou o silêncio.

– Como não amar sua própria mãe?

– É claro... Como não amar? E como não preocupar-se, certo? O mundo anda tão perigoso – nem parecia o mesmo homem que havia lhe demonstrado empatia e compreensão. Sua voz era carregada de deboche. A fagulha de qualquer sentimento bom que pudesse sentir pelo demônio sumiu, e Peter achou que ele o fazia propositalmente. Divertia-se ao ver o medo de Peter, ao mesmo tempo em que tentava convencê-lo de que não era necessário o temer.

– Tenho motivos para me preocupar com ela?

– Essa não é questão, jovem Pete. Você anda preocupado com ela. Não importa se tem ou não motivos. Conte-me dos sonhos.

– Eu sonho que ela morre em um acidente de trânsito. Na viagem que fará hoje – ele se assustou com o quão direto fora.

– Bem, na verdade, na viagem que *está fazendo*. O ônibus já partiu – olhou novamente para seu relógio.

– Ela vai? *Morrer*?

– Ora, não sei. Vai? Eu não sou *Deus* – uma gargalhada veio em sequência. A risada maníaca durou tempo demais, como se a piada fosse mais engraçada porque ele ria sozinho. Peter reparou que dentre os vários sentimentos que o atormentavam ao mesmo tempo, um novo surgia: ira.

– É por isso que está aqui, não é? Pela minha mãe.

– Errado. Estou aqui por você. Talvez eu também visite sua mãe em Cubatão, logo.

– Minha mãe está indo a São Bernardo e não Cubatão – antes mesmo de terminar a frase, Peter arrependeu-se, pois sabia exatamente o que viria a seguir, e era algo que não gostaria de ouvir.

– Pois é. Imprevistos vivem acontecendo. Talvez ela faça uma pequena parada em Cubatão. Ou uma parada eterna. Quem sabe? – ele riu, com escárnio. – Sabia que o motorista do ônibus em que ela está nesse momento tem tido problemas de insônia? Não dorme direito há alguns dias. Sua esposa implorou para que ele procurasse um médico, mas ele recusou-se. Um sujeito bastante teimoso.

Olhou o rosto do interlocutor sentado à sua frente e sabia que ele não mentia. Foi então que a raiva, que crescia aos poucos, explodiu. Sem pensar no que fazia, Pete inclinou-se para frente, seus olhos refletiam a raiva desesperada de um filho ao ter a vida da mãe ameaçada. Nada na vida lhe traria tamanha satisfação como o som de seu punho acertando o rosto do homem a sua frente. A dor que sentiu nos nódulos não era nada além de agradável. E ele sentiu-se sedento pelo sangue do demônio, pensando que gostaria de espancá-lo até que estivesse a um passo do inferno. Uma de suas mãos mantinha-se na mesa, como um apoio, caso houvesse uma retaliação.

O homem de terno preto, manteve sua cabeça totalmente virada para o lado direito, devido ao golpe que sofrera. No entanto, ao olhar para frente tinha os olhos vidrados e um sorriso débil estampado na cara. Não tinha nenhuma marca, apesar Peter ter colocado toda sua força no soco. Seu rosto não ficara sequer vermelho.

– Quer a face direita agora? Eu te dou. Assim me *ensinaram* – e assim o fez. Virou a cabeça para o lado esquerdo, deixando o outro lado à mostra. Ele riu enquanto o fazia.

O mais puro pavor tomou conta de Peter como um ladrão que invade uma casa no meio da madrugada. Ele não sabia ser possível sentir tantos sentimentos negativos e com tamanha intensidade em tão pouco tempo, e achou que se conseguisse sair com vida daquela situação, iria enlouquecer.

– E eu? Por que está aqui por mim? – com muito esforço falou, mas não conseguiu pegar seu segundo *drink*. Suas mãos tremiam demais.

– Ah, você é outra história. Não estou aqui a trabalho. Apenas para bater um papo. O quanto ama sua preciosa mãe?

– Eu daria a vida por ela.

– Uau! Daria sua vida? Isso é nobre. Mas tome cuidado com o diz.

– O que quer dizer?

– *So be careful what you wish for. Cause you just might get it...*¹ O restante você conhece, não? – claro que conhecia. Era um árduo fã de Eminem. De alguma forma, não se assustou por o estranho saber disso. Parecia estar acostumando-se com sua onisciência.

– Uma troca? É isso que você quer? Minha vida pela de minha mãe?

– Querer? Eu não quero nada, pra mim não faz diferença alguma. Não dou a mínima para vocês.

– Então... Por que me ofereceria isso? E por que minha mãe está – uma pausa, procurava a palavra adequada, que apesar de surgir, veio com um tom de dúvida – *predestinada* a morrer?

– Eu *ainda* não te ofereci nada. E quem disse que ela está predestinada?

– Vai matá-la por prazer?

– Eu não mato ninguém. Sou um homem de negócios, assim como você. Veja-me como o motorista de um ônibus de viagem. Eu apenas sigo uma trajetória, um mero condutor. Às vezes levo o ônibus aonde ele *precisa* ir. Às vezes o levo para onde quero.

– E onde Deus entra nisso? – pela primeira vez, Peter notou que a pergunta incomodou aquele que a ouvia, como se o homem de terno tivesse se sentido desafiado.

– Você está falando com deus, sinta-se honrado – parecia impaciente agora, e novamente verificou as horas. Peter notou que sua tatuagem mudara. Podia agora ler a palavra *soberba*. Sentiu medo de prosseguir com aquela discussão. – Posso ver nos seus olhos que realmente daria a vida por ela. Por isso estou aqui.

– Então é isso? Simples assim? Você entra no bar e se senta comigo. Diz que tem em suas mãos o poder da vida e da morte, e que minha mãe irá morrer em um acidente de trânsito, a não ser que eu morra em seu lugar?

– Hm. Basicamente.

– E como eu morreria?

– Isso faz diferença?

– Claro.

– Que seja. Você escolhe: um infarto no meio da rua, um latrocínio, durma em sua cama e não acordará. Tanto faz.

– Tudo bem. Eu aceito. Irei em seu lugar – nesse momento, o rosto vazio de Lúcio foi substituído por uma expressão de contentamento. Estava novamente interessado no diálogo.

– Tem certeza?

– Tenho sim.

– Quantos anos você tem, *Petezinho*? – sua mãe o chamava assim na infância. Um terceiro calafrio o atingiu, o tirando do eixo.

– Você sabe a resposta. Tenho 33 – apesar de assustado, respondeu ríspidamente, quase o atacando. Estava se acostumando aos poucos àquela confusão, como quando acordamos e

¹ “Tenha cuidado com o que deseja / porque você pode tê-lo / e se você tiver, pode não saber / o que fazer com isto, porque ele poderia / voltar contra você dez vezes pior.” Eminem – *Careful What You Wish For*

precisamos de alguns segundos até que nossa visão tenha foco – A idade de Cristo.

– É o que dizem – inclinou sutilmente a cabeça para baixo e ergueu os olhos, para que permanecessem grudados nos de Peter. Alegre. Parecia saber de um segredo desconhecido por toda humanidade – Já sua querida mãe, tem 57. Acredito que você tenha mais a viver do que ela, Peter.

– Não importa. Prefiro ir assim mesmo.

– Por quê?

– A amo demais, e não suportaria a ideia de vê-la morrer. Ainda mais sabendo que poderia fazer algo para evitar.

– E ela? Suportaria te ver morrendo? – a pergunta atingiu Peter em cheio, ele ainda não pensara nisso.

– Ela é mais forte que eu – mas houve hesitação em sua voz.

– Ela já perdeu um marido. E agora um filho?

– Também perdi minha esposa.

– E quando isso aconteceu sua mãe estava lá de braços abertos, e te tirou do buraco escuro em que você estava. Quem fará isso por ela?

– Quem fará novamente por mim, caso ela morra? Ela é tudo que tenho.

– Essa é a segunda coisa que citei, que meus companheiros não entendem em vocês. O amor irracional. Escolhas ilógicas tomadas de forma estúpida e incongruente. Quando algum sentimento os domina, vocês não simplesmente ficam cegos. *Escolhem ser cegos.*

– E você, entende?

– Ah, mas é claro. São tão parecidos comigo quanto podem ser. Fui expulso de *casa* algum tempo atrás, quando ainda não dominava minhas emoções.

– Então entende minha decisão?

– Entendo sim, embora não concorde.

– Acho que não somos tão iguais, então.

– Talvez você tenha razão. Termine sua bebida. Temos que ir – seus dois copos já estavam vazios, embora Peter não se lembrasse de tê-lo visto beber. Ele se levantou e colocou a cadeira em seu lugar.

Com passos lentos e confiantes, pôs-se a andar, sabia que Peter viria na sequência. Alcançando o celular, digitou uma mensagem para sua mãe.

Mamãe, obrigado por tudo. Tudo mesmo. Mas principalmente, pelo último ano. Você insiste em negar, mas sabe que me salvou a vida. Trouxe-me luz naquela época difícil em que eu havia perdido a esperança e o desejo pela vida. Ninguém fez por mim o que você fez.

E ninguém mais faria.

Se cuida.

Com amor, Petezinho.

Apertou o botão de enviar e olhou em direção à entrada do bar. O homem elegante o aguardava pacientemente, com a mão direita segurando seu pulso esquerdo, abaixo da cintura. Não havia urgência em seu semblante. Ao contrário de Peter, havia todo tempo do mundo.

Olhou o ambiente uma última vez. A linda mulher permanecia lá, agora acompanhada por outra jovem. O lugar estava mais lotado, e as pessoas mais felizes. Teve certeza de não ser apenas sua impressão. Nas caixas de som, Bob Dylan cantava *Knockin' On Heaven's Door*.

Bloqueou seu celular e se levantou. Colocou o *smartphone* no bolso, e retirou uma nota de 50 reais de sua carteira. Deixou-a embaixo do seu copo vazio. Sentia que não havia tempo para esperar que Carlos fechasse a conta, e o troco que se fodesse. Pegou o copo ainda cheio e o bebeu, novamente com apenas um gole, e o colocou na mesa. Começou a andar em direção ao seu novo colega.

Guilherme Cecílio

escreve poemas e poesias que podem ser vistos no Instagram: [@ceciliodevidro](#)